

O PRÍNCIPE DHAT

Conto Sufi - Autor desconhecido

“No país de Sharq, todas as pessoas viviam como reis, rainhas, príncipes e princesas. Não havia guerras, as colheitas eram abundantes, a temperatura estava sempre agradável, e cada um trabalhava para o bem dos outros”.

Havia, porém, na tradição, um ritual pelo qual todos os jovens precisavam passar. O ritual consistia em que todo jovem ao atingir determinada idade fosse em busca de uma jóia escondida.

“Assim, um dia, quando o jovem príncipe Dhat se encontrava no jardim do palácio, seus pais se aproximaram dele e disseram: Chegou o momento de você passar pela prova que todos enfrentam quando atingem sua idade. Para poder reinar com verdadeira nobreza, você precisa se preparar, realizando uma tarefa num reino chamado Misr, que fica muito longe. Você deve viajar para lá disfarçado, procurar um dragão terrível que guarda uma jóia muito preciosa e trazê-la para nós. Para cada jovem como você existe uma jóia escondida pelo dragão. Em nosso país, esse costume sempre existiu. Agora chegou a sua vez de conhecer e enfrentar o dragão, buscar a sua jóia e voltar são e salvo”.

A busca da jóia escondida simboliza o momento da travessia que, todo jovem precisa fazer, “ir para o mundo”: ingressar na faculdade, mudar-se de cidade, viajar para outro país, ampliar os horizontes para além do núcleo familiar.

“Quando se despediu do rei e da rainha, o príncipe Dhat estava irreconhecível. A calça e a camisa que usava eram de algodão rústico; as botas, grosseiras e já bem gastas; o boné de feltro e o casaco de lã de carneiro completavam o traje, que escondia perfeitamente sua origem real”.

O jovem precisou despojar-se de suas vestes nobres, levando apenas o essencial, deixando o já conhecido, o familiar em suspenso, dando assim espaço para acolher o novo.

Ao chegar a Misr, o príncipe encontrou outro jovem que lhe confidenciou que também estava ali à busca de sua joia. Os dois sentiram-se muito felizes com esse encontro, trocavam confidências e lembranças, mantendo viva a memória de suas origens.

“Mas o clima do reino de Misr, a comida do lugar, o trabalho que tinham que fazer para garantir seu sustento, foram produzindo um efeito estranho nos dois amigos. Aos poucos, eles começaram a se sentir sonolentos e foram esquecendo tudo o que sabiam a respeito de seu país natal. Passaram a falar apenas do que acontecia em Misr, das dificuldades e do cansaço provocado pelo trabalho diário naquela hospedaria, como ajudantes de cozinha. Cortando cebolas, descascando batatas, lavando pratos e varrendo o chão, os dois companheiros acabaram por esquecer completamente a missão que os tinha levado até ali”.

Essa passagem pode nos parecer estranha: Como os dois jovens que saíram de seu país, para cumprir um ritual, poderiam esquecer-se da sua origem e do por quê da viagem que estavam realizando?

As ocupações que serviriam para garantir o sustento, enquanto procuravam a sua joia, tornaram-se a razão única de suas vidas. Dhat passou a viver apenas em função de alimentar o corpo, e sua alma adormeceu no momento em que o jovem esqueceu da razão de sua viagem.

“Dhat viveu sozinho durante anos, fazendo aquele serviço humilde. À noite, sonhava, às vezes, com um palácio onde moravam um velho rei e uma velha rainha cujos rostos ele mal conseguia distinguir, mas que pareciam lhe dizer alguma coisa”.

O jovem mergulhou em um estado de letargia que muitas vezes presenciamos ao nosso redor, tantas vidas que não se realizaram, pessoas que esqueceram seus propósitos, os sonhos da infância. Nessas situações é muito importante ter alguém

que perceba que estamos perdidos e se disponha a nos ajudar a novamente encontrar o caminho.

“Enquanto isso, no país de Sharq, seus pais ficaram sabendo de sua situação, resolveram ajudá-lo a se libertar de sua triste condição de esquecimento”.

“Certa manhã, quando se preparava para iniciar mais um dia de trabalho cansativo, o príncipe Dhat ouviu uma melodia suave e triste que vinha do jardim, atrás de seu quarto. Parou para escutar melhor, e seu coração começou a bater forte de repente”.

Os pais de Dhat foram sábios ao elegerem como mensageiro um pássaro cantando uma suave e triste melodia, que ao ser ouvida pelo jovem traria de volta suas lembranças.

“O som daquela melodia parecia querer lhe dizer alguma coisa que, no entanto, ele não conseguia compreender. Durante todo o dia, Dhat fez suas tarefas cantarolando aquela música, sem pensar em mais nada”.

À noite, a imagem dos pais e do palácio onde vivera lhe apareceu em sonhos, mas Dhat ainda não conseguia reconhecer aquelas imagens.

“Por vários dias acordou com o canto do pássaro no jardim, até que na manhã de muito sol, quando ele estava diante da janela aberta, olhando fixo para o pássaro, aconteceu uma coisa extraordinária: o som da melodia, que entrava pelos seus ouvidos atentos, foi se transformando, pouco a pouco, dentro dele em palavras que diziam claramente:

Acorde, Dhat, a lembrança

Dentro do Seu coração.

Vento, sino, sol e rio

Conhecem bem sua missão.

E você, filho de rei?

Ao passar os dias cantarolando aquela doce e triste melodia, Dhat conseguiu finalmente despertar do esquecimento em que vivera tanto tempo. Agora, corpo e alma integrados, o príncipe será capaz de realizar a tarefa,

“Dhat saiu da hospedaria e, com o pássaro voando à sua frente, se foi pelos caminhos do mundo disposto a realizar sua tarefa. Atravessou rios e cidades, bosques e vales, e, depois de muito tempo, chegou a uma caverna cinzenta, escondida entre as pedras, no alto de uma montanha azulada. O pássaro lhe ensinou uma canção especial, feita de sons misteriosos e doces como mel”.

“Assim que o príncipe cantou essa canção, com voz forte e ritmada, em pé na entrada da caverna, o gigantesco dragão que estava lá dentro deitou-se mansamente no chão cheio de pedras e ossos humanos. Logo ele caiu num sono profundo, embalado pelos sons encantados”.

O pássaro orienta o jovem como agir para realizar sua tarefa: o príncipe adormece o dragão com a firmeza e suavidade de uma canção.

Em posse de sua joia, o príncipe retorna ao lar.

“Por causa da experiência que tivera no reino de Misr, o príncipe Dhat pôde admirar com outros olhos seu país natal. Ele compreendeu que aquele era um lugar magnífico e que era, verdadeiramente, o seu lugar”.

O conto nos fala sobre “uma jóia que está escondida”. Interessante pensar na ideia de encontrar algo que é nosso, mas que está “escondido” Assim como Dhat, todo jovem teria a sua jóia, um talento em potência, que somente se concretiza na sociedade.

A história também apresenta o dragão, animal que não existe de fato na floresta, e que simboliza a cultura. É na construção ancestral e coletiva da cultura que residem todos os talentos, e ao integrar a sociedade, o nosso talento emerge e se concretiza.

E ao final, é através da música, pela arte, com seu poder de integrar e harmonizar o universo, que o jovem faz adormecer o terrível dragão. Após adquirir esse aprendizado, Dhat retorna à sua terra, e agora, dotado de um novo olhar, poderá reinar com verdadeira nobreza.